

PRISCILA DÓREA*

O Dique do Tororó, espelho d'água situado no coração de Salvador, é cartão postal, espaço de lazer e turismo com seus pedalinhos e embarcações, território de rituais de matriz africana e testemunha das transformações urbanísticas ocorridas na capital desde o século XVII. Recentemente, o Dique registrou a mortalidade de dezenas de peixes que compõem a sua fauna aquática e autoridades ambientais investigam a ocorrência. O caminho dessas águas, no entanto, é antigo e tem ligações com a navegação fluvial na cidade.

O sistema de diques de Salvador se inicia com a Invasão Holandesa, em maio de 1624. Para garantir o território invadido, os holandeses ampliaram a defesa da cidade a partir do represamento do antigo rio das Tripas, que nasce atrás do Mosteiro de São Bento, em uma das encostas da Barroquinha. As águas do rio das Tripas percorriam a extensão do que hoje é a Avenida Barros Reis e seguiam até encontrar o rio Camarajipe, na região do Dois Leões.

"Essas informações foram reveladas em 2022, a partir da descoberta do mapa feito pelo engenheiro responsável pela obra do sistema de diques, o capitão Joos Coecke; além de pesquisas realizadas em Haia, na Holanda, onde foram encontrados documentos assinados pelo próprio Joos Coecke, que o confirmava como autor do projeto do dique junto com os soldados da Companhia das Índias Ocidentais", explica o doutor em história Pablo Magalhães, professor da Universidade Federal do Oeste da Bahia (Ufob).

O dique de Joos Coecke foi o primeiro de Salvador e, naquele momento, século XVII, considerado a maior obra hidráulica do Brasil e da América portuguesa. No centro da cidade, o dique, explica o professor Pablo, dividia as duas cumeadas da cidade antiga, ou seja, a região do Pelourinho e o território que hoje é o bairro da Saúde.

"Esse não é o Dique do Tororó, mas, sim, o que chamamos de Dique Velho, que foi sendo aterrado e canalizado, deixando de existir. No século XVIII, inclusive, já se reclamava da questão de saúde pública, pois boa parte dele havia se tornado águas pantanosas", acrescenta Pablo.

O Dique do Tororó, por sua vez, começou a ser formado em 1642, através da exploração dos indígenas como mão de obra. O lago foi construído a partir de represamento do rio Lucaia. O Dique Novo, também chamado Dique Grande, tinha também função defensiva, como explica a dissertação *O papel das fortificações no espaço urbano de Salvador*, do mestre em geografia Marco Antônio dos Santos.

No texto, ele explica que a configuração do Dique Grande limitava o acesso à cidade por possíveis inimigos em diferentes pontos. "A concepção de João Coutinho [engenheiro] foi balizada aos moldes da

Dique do Tororó integrou

ROTA FLUVIAL DO

CENTRO DA CAPITAL

ATÉ A PERIFERIA

NAVEGAÇÃO

Manancial foi represado com uso de mão de obra indígena. Mito de que o lago foi construído pelos holandeses é a lenda urbana mais antiga da cidade

Embarcações de pesca e para o transporte de pessoas percorriam o Dique do Tororó até o final dos anos 1960

Entorno do Dique em 1967 também era bem diferente do atual

Algumas embarcações resistem até hoje

Edição de 1998 lista intervenções feitas

Escola Holandesa de fortificar, ou seja, a lógica do represamento d'água", escreve.

Lenda urbana

Talvez seja pelo uso de modelo da Escola Holandesa que muita gente acha, até hoje, que o Dique do Tororó foi

uma obra executada pelos holandeses na ocupação de Salvador. E essa não é a única confusão em torno das origens do espelho d'água. Entre histórias e causas, há quem diga que o Dique do Tororó tem asfalto de azulejos.

"A ideia de que o Dique do Tororó foi feito pelos holandeses não é verdade, mas essa confusão ainda perdura no imaginário da população. É uma lenda urbana de Salvador, talvez a mais antiga. E não se sustenta. Na verdade, o Dique dos Holandeses era o dique primitivo, que ficava no centro da cidade. O Dique do Tororó é o Dique Novo, o segundo dique construído em Salvador", explica Pablo Magalhães.

Ainda que o Dique do Tororó tenha sido criado para defesa, o espelho d'água, que era

maior do que o atual, não demorou a ser usado para a navegação. Com o tempo, conta o professor Pablo, embarcações levavam passageiros pelo lago. "Eram pequenos barcos de pescadores que transitavam por todo o espelho d'água. Na época, toda aquela região onde está a Fonte Nova era parte do sistema do Dique. Temos registros iconográficos, como fotografias e cartões postais do século XIX e início do século XX, onde conseguimos ver as embarcações, pescadores e até o tipo de peixe que se produzia ali", enumera Pablo Magalhães.

Cidade das águas

Mapas do século XIX, acrescenta o professor da UFOB, indicam uma conexão fluvial ampla em Salvador, mostrando que era possível na-

vegar desde o centro até a periferia da cidade e que o rio Lucaia, no Rio Vermelho, e o Dique do Tororó faziam parte da rede. Com a urbanização do entorno do Dique e a diminuição do espelho d'água, o número de barqueiros que levavam as pessoas de um lado a outro reduziu e a sua função original foi se modificando de meio de transporte para passeios turísticos.

Em 7 de setembro de 1998, A TARDE destacou as expectativas dos dois últimos barqueiros do Dique do Tororó: Vítor Menezes Dórea e Ivan Alves de Almeida, "(...) únicos remanescentes do grupo que fazia navegar uma frota de 54 barcos nos bons tempos, 36 anos atrás".

Com as obras de urbanização que transformaram o entorno do Dique em área de lazer, os

barqueiros, segundo o jornal, viram o faturamento voltar a crescer a partir da oferta de passeios. Hoje, a atividade turística é regulamentada e parte dos barqueiros atua como permissionários da prefeitura de Salvador, transportando tanto moradores quanto turistas.

Os primeiros passos para a urbanização que deixou o Dique parecido com o que conhecemos hoje foram dados na década de 1980. Em 18 de junho de 1989, A TARDE informou que o Dique poderia vir a ter "área de animação turística". A ideia partiu da Câmara Municipal e na ocasião, o vereador Jânio Natal explicou ao jornal que fez a indicação ao prefeito. "Poderiam ser construídos parques aquáticos, cicloviás, colocação de pedalinhos nas águas

tranquilas e seguras, at restaurante, desde que bem-projetado e integrado no ambiente".

O projeto Parque do Tororó havia sido feito pelo engenheiro Robério Bezerra, então coordenador de saneamento básico da Secretaria da Infraestrutura Municipal. Outra reportagem em A TARDE, de 12 de agosto de 1991, aproveitou que a prefeitura havia anunciado limpeza no Dique para questionar os motivos do poder municipal não tirar o projeto do papel.

"A prefeitura está efetuando a limpeza do Dique do Tororó. Parabéns. Mas essa medida é paliativa porque uma intervenção mais drástica deveria se registrar na área, que pode virar um parque de 400 mil metros quadrados, dando opção de lazer barata para a população", afirmava o texto.

Ritual e revolução

A requalificação do Dique, que hoje é gerido pela Conder, foi iniciada anos depois da cobrança de A TARDE. Uma das fases do processo era o peixamento, que teve início em 1997 e foi divulgado na edição de 7 de janeiro. Em 1998, as esculturas dos orixás foram instaladas, oito na água e mais quatro nas margens. O Dique, chamado de Bacia de Oxum por representantes das religiões de matriz africana, é um local sagrado de culto.

"Para os adeptos do Candomblé desta cidade, o Dique do Tororó é uma das moradas de Oxum, orixá da água doce, lagos e fontes [...] para o povo-de-santo é a Bacia de Oxum", afirma a mestra em estudos étnicos e africanos Cláudia Marques Dourado, no texto da dissertação "Orixás do Dique do Tororó: simbologia e problemática cultural da população afrodescendente baiana".

Em seus primórdios, o Dique era próximo ao centro da cidade que se expandia, mas distante do olhar das autoridades, o que o tornou recanto para encontros clandestinos e revolucionários, como antes da Conjuração Baiana de 1798. "Por ser mais afastado do perímetro urbano, os rebeldes baianos se articulavam na região do Dique, o que aparece na própria documentação dos autos da Conjuração Baiana, com listas de militares, homens negros, pardos, libertos e escravizados que se reuniam ao longo do Dique para sair dos olhos das autoridades e conseguir se articular politicamente", diz o professor.

APONTE A CÂMERA DO CELULAR E ACESSO CONTEÚDOS DO A TARDE MEMÓRIA

* COM A COLABORAÇÃO DE TALLITA LOPES

* OS TRECHOS RETIRADOS DAS EDIÇÕES HISTÓRICAS DE A TARDE RESPEITAM A GRAFIA DA ÉPOCA.

MATERIAL ELABORADO COM BASE EM EDIÇÕES DE A TARDE E ACERVO DO CEDOC/A TARDE